

CEDI

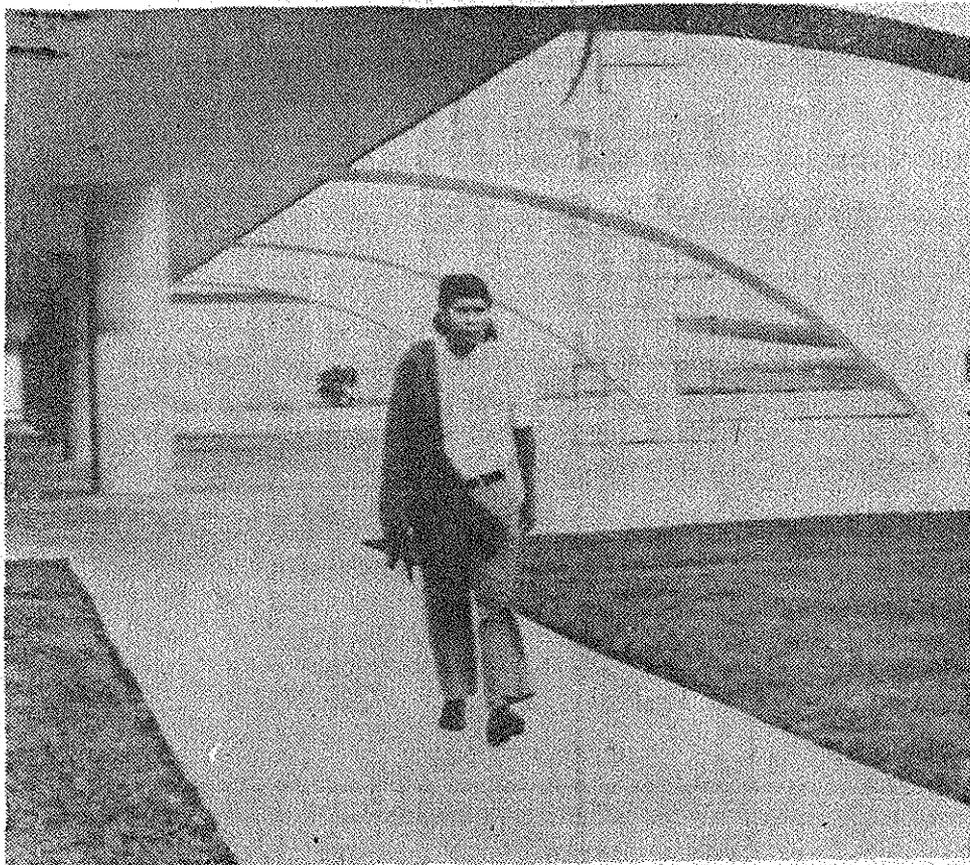
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 342

Data: 27.01.77

Pg.: 20



Telefoto Roldão Lessa

Mário deixa o Palácio: no gravador, críticas ao ministro e à Funai.

Índio vai a Geisel reclamar de Rangel Reis e da Funai

BRASILIA (Sucursal) — Dizendo que o ministro do Interior, Rangel Reis, "não entende nada de índios", e munido de gravador, um facão na cintura e fumando cigarros, o índio xavante Mário Juruna fez plantão ontem, no Palácio do Planalto, desde às 8 horas da manhã, tentando falar com o presidente Geisel. Juruna queria pedir munições para serem usadas na caça por sua comunidade de Barra do Garças, na Aldeia de Nomucuran, em Mato Grosso.

Somente às 17 horas, um funcionário da assessoria de relações

públicas desceu para conversar com o xavante. Convencido de que o presidente não viria, Mário Juruna argumentou que "a Funai não atende o índio", e que este "não é escravo da Funai, mas cidadão brasileiro que está sendo jogado no lixo".

Durante o diálogo, Juruna chegou a exibir uma fita cassete na qual gravou uma conversa com o ex-diretor do Departamento Geral de Operações da FUNAI, Van der Brooks, sobre o problema das munições. No dia seguinte a esta conversa, Brooks foi exonerado do cargo.

Índio que reprova a Funai e Rangel tenta ir a Geisel

Da Sucursal de
BRASILIA

O chefe da aldeia xavante de Nomucura, em Barra do Garças, Mato Grosso, Mário Juruna, queria perguntar ontem ao presidente Geisel o que é feito do dinheiro do Funai — porque, segundo ele, os índios não recebem nenhum benefício —, mas passou boa parte do dia sentado numa poltrona no saguão térreo do Palácio do Planalto. Às 16 horas, um funcionário foi lhe dizer que se encarregaria de levar o assunto a seus superiores, explicando que o presidente estava ocupado com outras audiências. O xavante procurou então os jornalistas para dizer que os funcionários da Funai estão bem e os índios, mal. "A Funai — acentuou — pode ser fundação do funcionário, mas não do índio."

Mário registrou toda a conversa que tivera no Planalto num gravador que levava a tira-colo e depois deixou que os jornalistas ouvissem a fita, que continha também o diálogo mantido pelo índio, dias atrás, com o diretor agora exonerado do Departamento Geral de Operações da Funai, Francélio van der Broocke. A certa altura, o diretor critica seu interlocutor por ele ter declarado aos jornais que o ministro Rangel Reis não entende de índio. Mário reage:

— Mas ele não entende mesmo.

— Ele conhece, rapaz, insiste o funcionário. Ele quer dar condições para vocês serem vocês mesmos. Ele quer dar condições de vida a vocês, para vocês poderem, amanhã, trabalhar, ter seu carro.

Mais adiante, Broocke tenta convencer Mário da inconveniência de dar aos índios munição para caçar, e argumenta:

— Bala é para destruir os outros.

— Então, acaba com a fábrica (de balas), replica Mário. O diretor continua:

— Arma na sua mão só vai criar problema. Vem um branco sem-vergonha, aí fica nervoso, puxa uma arma e, se você estiver com arma, você mata ele.

— E mata mesmo, con-

corda o índio. — Não é justo se defender?

— Não é justo, não, porque tem a polícia para cuidar disso.

— E já prenderam o João Mineiro?, pergunta Mário. — Não existe justiça. Só existe justiça pra prender gente pobre. (João Mineiro, fazendeiro que liderou o ataque em que morreram o padre Rodolfo Lunkenbein e um índio, na aldeia bororo de Merure, em Mato Grosso, a 15 de julho do ano passado, continua foragido até hoje).

— Não vem com esse papo, não, responde Broocke. — Você está mal orientado. Alguém está conversando com você errado. A polícia existe pra prender todo mundo que está errado.

TXUCARRAMÃE

A Funai determinou o deslocamento do sertanista Sidney Possuelo para a região da fazenda Agropeixinho, localizada junto ao parque nacional do Xingu, e que se encontra ocupada desde o início do mês por índios da tribo txucarramãe. Sidney tentará convencê-los a deixar a propriedade, tomada após um ataque em que morreram dois peões.

ARAGUAIA

Uma fonte ligada à Funai deu ontem novas explicações sobre as acusações formuladas pelo ex-diretor do parque indígena do Araguaia, Ubirajara Caiado. Sua denúncia de que ex-funcionários do órgão utilizavam terras do parque para criação particular do gado foi interpretada como uma referência a Gilvan Luna, que vendeu alguns bois — de sua propriedade — quando se desligou da Funai. A fonte explicou que Luna "é índio, da tribo Fulni-ô", o que lhe valeu o direito de criar algumas reses na ilha do Bananal.

EMPRÉSTIMO

Será assinado hoje, às 18 horas, no gabinete do ministro Rangel Reis, do Interior, o contrato pelo qual a tribo dos gaviões, do Pará, receberá um financiamento de 208 mil cruzeiros, para aplicação em seu projeto de coleta e comercialização de castanha.